

# EM MEMÓRIA DE VIRGÍLIO GOMES DA SILVA, CIDADÃO BRASILEIRO, OPERÁRIO

Equipe da Revista Adusp

Daniel Garcia



*O trabalhador químico e guerrilheiro da Ação Libertadora Nacional (ALN) assassinado em setembro de 1969 pelos órgãos de repressão da Ditadura Militar, como resultado da caçada implacável às organizações clandestinas que sequestraram o embaixador norte-americano Charles Elbrink em 1968, teve seu cadáver ocultado. Virgílio tornou-se, então, o primeiro desaparecido político do regime militar, que assim inaugurava um novo método de terrorismo de Estado. Paradoxalmente, essa maligna ocultação mantém a lembrança de Virgílio mais viva do que nunca*

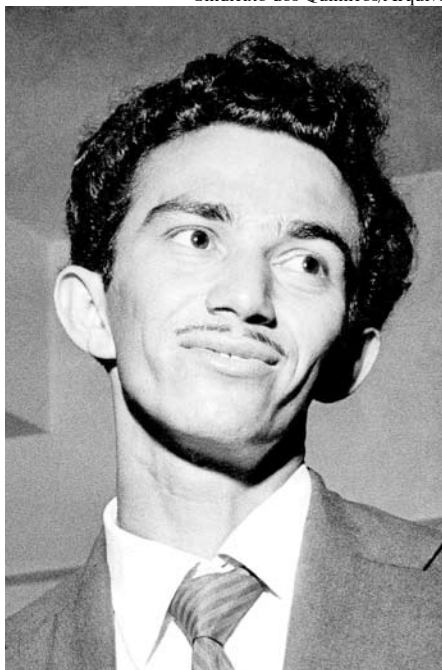
Numa emocionante cerimônia que lotou o auditório da Câmara Municipal de São Paulo, a instituição concedeu, *in memoriam*, o título de “cidadão paulistano” a Virgílio Gomes da Silva, assassinado pela Ditadura Militar brasileira no dia 29 de setembro de 1969. A iniciativa da homenagem, realizada em 15 de agosto de 2011, partiu do vereador Francisco Chagas, do Partido dos Trabalhadores (PT). Operário e ativista do Sindicato dos Químicos, Virgílio participou, já na condição de militante do Partido Comunista do Brasil (cuja sigla, então, era PCB), ao qual se filiara naquele mesmo ano, da coordenação da famosa greve dos trabalhadores da empresa NitroQuímica, em outubro de 1957. Mais tarde, integrou a dissidência do PCB, liderada por Carlos Marighella, que resultaria na criação da Ação Libertadora Nacional (ALN), organização que adotou a luta armada como forma de combate ao regime militar. E, sob o codinome Jonas, comandou o Grupo Tático Armado (GTA) da ALN, e teve papel preponderante no sequestro do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick, posteriormente trocado por 15 presos políticos de várias correntes de oposição à Ditadura.

Pego na onda de prisões que se seguiu à libertação do embaixador, Virgílio resistiu com valentia incomum aos seus captores e torturadores, enfrentando-os em luta corporal mesmo com as mãos e pés algemados. Foi brutalmente assassinado a pontapés, após 12 horas de torturas ininterruptas, que não conseguiram arrancar dele uma

única palavra de delação. Seus ossos foram quebrados, e, dos órgãos vitais, apenas permaneceu intacto, simbolicamente, o coração.

A ocultação do cadáver de Virgílio o transformou no primeiro “desaparecido político” durante a vigência do regime militar, de 1964 a 1985. Depois de sofrerem toda sorte de tribulações (prisão, tortura, dificuldade de sobrevivência no país, exílio), sua viúva Ilda Martins da Silva e os quatro filhos ór-

Sindicato dos Químicos/Arquivo



Virgílio, “comandante Jonas”

fãos (Vladimir, Virgílio, Gregório e Isabel) estão agora esperançosos de que a longa busca pelos despojos do marido e pai esteja próxima do fim, com a exumação de covas clandestinas e o exame de DNA de ossadas encontradas no Cemitério de Vila Formosa, em São Paulo. Ainda emocionada com a homenagem prestada a Virgílio na Câmara Municipal de São Paulo, Ilda, agora com 80 anos, afirma: “Quero ter

o direito de colocar uma flor em seu túmulo”.

Virgílio Gomes da Silva nasceu em uma fazenda do município de Sítio Novo, no Rio Grande do Norte, em 15 de agosto de 1933, primogênito de quatro irmãos. Após uma infância e uma adolescência marcadas pela pobreza, a fome, constantes mudanças de domicílio e a separação dos pais, chegou a São Paulo, sem um tostão no bolso, em 1951. Trabalhou em bar, como telegrafista, contínuo de banco e vigia de fábrica. Atuando em dois empregos ao mesmo tempo, juntou dinheiro suficiente para comprar uma pensão no bairro do Brás, depois trocada por um bar no Pari e trazer a mãe e os irmãos para São Paulo. No livro *Virgílio Gomes da Silva: de retirante a guerrilheiro*, Edileuza Pimenta e Edson Teixeira contam que, quando tudo parecia ir bem, seu biografado sofreu um grande baque ao receber uma ordem de despejo e descobrir que o bar que lhe fora vendido havia sido hipotecado pelo antigo proprietário. Foi esse revés que o fez mudar, com a família para São Miguel Paulista, e empregar-se como operário, primeiro na indústria metalúrgica e depois na indústria química, e, logo em seguida, como escriturário no Sindicato dos Químicos.

Segundo os depoimentos de todas as pessoas que privaram de sua intimidade, Virgílio tinha paixão pelos exercícios físicos. Apesar de sua baixa estatura, de apenas 1,66 m, era extremamente vigoroso. Foi pugilista amador, competiu na corrida de São Silvestre e, embora na gostasse de dançar, chegou a ga-

nhar, nos anos 1950, um excêntrico concurso de resistência carnavalesca, promovido pela TV Record, no qual vencia quem ficasse mais tempo dançando, sem comer nem dormir, por dias e noites seguidos. Obteve o primeiro lugar, após resistir por 78 horas. Ginástica, corrida, natação foram hábitos que, desde cedo, procuraria inculcar nos filhos mais velhos. O vigor físico, o desamor, a firmeza de caráter, traços que carregou pela vida toda, emolduraram também sua morte.

*Religioso a ponto de dar o pouco dinheiro que tinha no bolso a alguma família de migrantes nordestinos encontrada na rua e, ao chegar em casa, ajoelhar e chorar diante da imagem de Nossa Senhora, Virgílio transitou, no meio sindical, do catolicismo ao PCB*

Religioso a ponto de dar o pouco dinheiro que tinha no bolso a alguma família de migrantes nordestinos encontrada na rua e, ao chegar em casa, ajoelhar, rezar e chorar diante da imagem de Nossa Senhora Aparecida por aquela gente necessitada, Virgílio transitou, no meio sindical, do catolicismo ao comunismo, filiando-se ao PCB. Tanto em uma posição quanto na outra, o que o motivava era um

Agência Estado/Arquivo



Charles Burke Elbrick



Ilda Martins da Silva

sentimento de igualdade, de fraternidade, de solidariedade. O jornalista Antonio Carlos Fon, que o conheceu muitos anos mais tarde, lembra bem dessa faceta de sua personalidade: “Virgílio era um homem extremamente sensível, que adorava crianças, pássaros e orquídeas. O primeiro viveiro de orquídeas de São Paulo foi composto por flores doadas por ele, que as havia colhido na Serra do Mar”.

A NitroQuímica, pertencente ao Grupo Votorantim, era, na segunda metade da década de 1950, a mais importante empresa do segmento químico brasileiro. E também palco de intensa atividade comunista. De seus quase 8 mil operários, cerca de 400 pertenciam ao PCB. A inquietação dos trabalhadores tinha causas concretas: o achatamento dos salários, há muito defasados em relação ao custo de vida; a poluição do ambiente de trabalho, devido à emissão de gases altamente tóxicos no setor de fiação, onde era pro-

duzido o raíom, principal produto da empresa; e o não pagamento de adicionais de insalubridade e periculosidade. A insatisfação evoluiu para a greve em outubro de 1957 e, por mais de uma semana, manteve a indústria paralisada. O movimento, que transbordou para as ruas e mobilizou a população de São Miguel Paulista, um bairro que vivia em função da empresa, foi vitorioso, e proporcionou aos funcionários da NitroQuímica um reajuste salarial de 20%. Virgílio foi o grande estrategista e o mobilizador incansável dessa greve.

“Ele nunca dirigiu o Sindicato”, lembra Ilda, “mas era seu principal funcionário e fazia de tudo por lá: era escriturário, secretário, discursava, assinava ata”. Foi nessa greve que os dois se conheceram, pois Ilda, uma operária consciente e combativa, teve intensa participação no movimento. O conhecimento logo se transformou em namoro e, em 1960,



Família e o título de "Cidadão Paulistano"



Antonio Carlos Fon

os dois se casaram. Em 1961, nasceu o primeiro filho, Vladimir. E, em 1962, o segundo, também chamado Virgílio, e apelidado "Virgílinho". Os mais novos, Gregório e Isabel, vieram ao mundo bem mais tarde, respectivamente em 1967 e 1969.

A atividade sindical de Virgílio é motivo de orgulho para o Sindicato dos Químicos, que lhe dedicou, em 29 de setembro de 2009, quarenta anos depois de sua morte, um belo opúsculo rememorativo: Virgílio Gomes da Silva: direito à memória e à verdade. "Desde 2009, temos trabalhado para resgatar sua memória, como exemplo para nossa juventude, o exemplo de um verdadeiro democrata", diz Osvaldo da Silva Bezerra, o "Pipoca", secretário de Administração e Finanças do Sindicato dos Químicos de São Paulo. "Renomeamos nosso clube de campo com o nome dele. E temos acompanhado, *pari passu*, as ações de busca e identificação dos restos mortais.

Estamos também com o projeto de criar, no Cemitério de Vila Formosa, um local que possa servir de referência, um local onde os parentes, os amigos e os admiradores possam reverenciar sua memória".

***A instalação da Ditadura e seu recrudescimento fecharam os espaços democráticos de manifestação e frustraram a expectativa de transformação pacífica da sociedade. Em consequência, muitos militantes de esquerda radicalizaram suas posições e optaram pela luta armada***

No início da década de 1960, acompanhando a vigorosa ascensão dos movimentos sociais no Brasil, Virgílio passou a se dedicar de corpo e alma à militância política e à atividade sindical. Durante uma greve coordenada por ele na Fiação e Tecelagem Lutfalla, foi alvejado por um tresloucado dirigente da empresa. Uma bala atingiu-lhe, de raspão, a cabeça. E ele acabou ferido também na mão e na perna. Acontecimentos como este não o faziam esmorecer. Ao contrário, estimulavam ainda mais o seu ânimo. Foi com a moral elevada que enfrentou a primeira prisão, em outubro de 1964, depois que o poder militar, recém-imposto, interveio no Sindicato dos Químicos e cassou toda a diretoria eleita. Libertado em poucos dias, mas vigiado e perseguido pela polícia política, exilou-se por três meses no Uruguai.

A instalação da Ditadura e seu recrudescimento fecharam os espa-

ços democráticos de manifestação e frustraram a expectativa de uma transformação pacífica da sociedade brasileira. Em consequência, muitos militantes de esquerda radicalizaram suas posições, optando pela luta armada como forma de combate ao regime militar. Essa opção refletia também o acirramento da conjuntura internacional, marcada pela Guerra do Vietnã, pela Revolução Cultural chinesa e pela disseminação das teses da Revolução Cubana. Exaltado e destemido, Virgílio logo se alinhou com as posições de Carlos Marighella, que, criticando a linha pacífica do PCB, propunha que o partido passasse a ação revolucionária armada. A forte liderança de Marighella, secundado por Joaquim Câmara Ferreira, outro veterano comunista, deu origem à chamada Dissidência de São Paulo.

No primeiro grupo de brasileiros enviados pela Dissidência para treinamento militar em Cuba (grupo que mais tarde seria chamado, com evidente exagero, de “Primeiro Exército”), participavam, entre outros, Virgílio e o agora advogado Aton Fon, irmão mais novo do jornalista Antônio Carlos Fon. Aton lembra-se bem desse período: “Saímos do Brasil em 1967 e passamos pela Itália e a Tchecoslováquia para podermos chegar a Cuba. Uma vez na ilha, ficamos alojados juntos em uma casa na periferia de Havana, à espera do início dos treinamentos. Como tínhamos ordens de evitar o centro da cidade, para não encontrar com outros brasileiros que pudesse estar circulando por lá, passávamos as manhãs estudando

a história da revolução cubana e outros temas teóricos, e, à tarde, íamos à praia. Eu não sabia nadar e foi o Virgílio que me ensinou. Apesar da diferença de idade (eu tinha vinte e poucos anos e ele estava na faixa dos trinta e cinco), essa convivência nos tornou muito amigos. Juntos, desenvolvemos o gosto pelo mergulho com máscara”.

Os treinamentos militares propriamente ditos iniciaram-se depois da Conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS), realizada em Havana de 31 de julho a 10 de agosto de 1967, na qual Marighella anunciou oficialmente sua adesão à luta armada, o que provocou a expulsão definitiva dos dissidentes de São Paulo pela direção do PCB e resultou na criação da ALN. “A primeira fase de treino prolongou-se por uns três meses”, recorda Aton Fon, “e incluiu preparação física e manobras táticas no mato e nas montanhas. Éramos cerca de 20 brasileiros e ficávamos o tempo todo em deslocamento. Depois dos três meses, passamos a ter uma base fixa, e nosso grupo cresceu, com a entrada de outros brasileiros, uruguaios e paraguaios. Foram mais seis meses de treinamento, com aulas de tiro, fabricação de minas, bombas-relógio e aparelhos de detonação, leitura de mapas e cursos teóricos. Na volta ao Brasil, fizemos o mesmo percurso em sentido contrário, e ficamos admirados ao chegar em Praga e encontrar uma cidade completamente deserta. Depois soubermos que, naquele mesmo dia, a Tchecoslováquia havia sido invadida pelas tropas soviéticas”.

Já em São Paulo, em uma reunião com Marighella, Virgílio e Aton Fon foram incorporados ao Grupo Tático Armado (GTA) da ALN, criado naquela mesma ocasião. “O primeiro coordenador do GTA foi o Marquito, o Marco Antonio Braz de Carvalho”, afirma o advogado Takao Amano, que participou do grupo. “Nessa época, o GTA possuía uma estrutura única, com umas 30 a 40 pessoas. Depois que o Marquito foi assassinado, no início de 1969, o Virgílio, que havia adotado o codinome de Jonas, o substituiu na direção. Eu tinha apenas 21 anos, mas fazia parte dos ‘mais antigos’, junto com o Aton Fon, o Manuel Cirilo de Oliveira Neto, o Carlos Eduardo Pires Fleury e o próprio Jonas”.

*No filme de Bruno Barreto, a tosca representação de Virgílio causou indignação aos que o conheceram: “Ele não era uma pessoa alienada”, protesta Ilda. “Virgílio era o típico operário nordestino: falador, brincalhão”, diz Takao Amano*

A estratégia da ALN era conquistar o poder por meio da guerrilha rural. As ações armadas nas cidades eram apenas preparatórias:

Fotos: Daniel Garcia



Lourival Batista, do Sindicato dos Químicos



Takao Amano

além de angariar recursos financeiros, por meio de assaltos a bancos e outras expropriações, visavam mobilizar quadros para a revolução, mostrando, pelo exemplo, que o regime ditatorial podia ser enfrentado. “Chegaram a ir militantes para o campo, a uma área chamada Bico do Papagaio, hoje pertencente ao Estado de Tocantins”, relata Amano. “Mas a guerrilha rural da ALN não ocorreu, porque, antes disso, a organização foi praticamente destruída nas cidades”.

Essa quase destruição foi provocada pelo recrudescimento da repressão policial-militar, com o qual a Ditadura procurou responder à desmoralização que lhe causou o sequestro do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick. A idéia de sequestrar o embaixador da maior potência do mundo partiu dos jovens militantes da chamada Dissidência da Guanabara, um desmembramento do PCB que viria a

se transformar no Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8). Não se julgando em condições de agir sozinhos, procuraram o apoio da Coordenação Regional da ALN em São Paulo, que aderiu prontamente ao projeto, e enviou quadros experientes ao Rio: o veterano Joaquim Câmara Ferreira, mais conhecido como Toledo; Virgílio Gomes da Silva, o Jonas; Manoel Cyrillo de Oliveira Netto; e Paulo de Tarso Venceslau. Virgílio assumiu o comando da operação.

Sob a pressão direta do presidente norte-americano Richard Nixon, a Junta Militar que governava o Brasil teve que se curvar às exigências feitas pelos militantes para a soltura do embaixador: a libertação e o embarque para o México de 15 presos políticos de várias organizações e a divulgação pelos principais meios de comunicação de um manifesto à nação assinado pela ALN e o MR-8. O episódio foi descrito no

livro *O que é isso, companheiro?*, de Fernando Gabeira, e transformado em filme por Bruno Barreto. Mas o personagem tosco por meio do qual Barreto pretendeu representar Virgílio causou profunda indignação nas pessoas que o conheceram. “Ele não era, como no filme, uma pessoa alienada”, protesta Ilda. Ao que Amano acrescenta: “Virgílio era o típico operário nordestino: falador, alegre, brincalhão. Em uma ação como aquela, era natural, pela posição que ocupava, que tivesse a última palavra”.

Marighella, o líder incontestado da ALN, estava sem contato com a coordenação paulista. E, como tantos brasileiros, só veio a saber do sequestro por meio da mídia. Um ato importante como aquele ocorreu sem que ele fosse consultado. Mais tarde, como descreve com detalhes Jacob Gorender, em seu livro *Combate nas trevas*, Marighella reuniu-se com Joaquim Câmara Ferreira, o Toledo, e criticou duramente a ação praticada. De seu ponto de vista, apesar do êxito espetacular, esse ato teria consequências desfavoráveis, pois a Ditadura intensificaria desproporcionalmente a repressão, e a ALN ainda não estava preparada para isso. Foi o que realmente ocorreu. E as mais importantes vítimas da escalada repressiva foram justamente o próprio Marighella, Toledo e Virgílio (*Revista Adusp* 49, p. 66).

“Virgílio foi pego na minha casa no dia 29 de setembro de 1969”, conta o jornalista Antônio Carlos Fon. “Eu, meu irmão Aton e toda a minha família morávamos naquele

apartamento, na esquina na Avenida São João com a Duque de Caxias. O Aton não estava, porque havia viajado ao Rio para uma ação. Mas outra militante da ALN, Maria Aparecida Santos, a Cidinha, estava morando por um tempo conosco, e se fazia passar por babá de minha irmã menor, de dois anos. O Virgílio também aparecia por lá quando precisava. A polícia chegou por volta das 6 horas da manhã e prendeu a mim, aos meus pais e à Cidinha. Fomos levados para a delegacia da Rua Tutoia, sede da Operação Bandeirante (Oban). E ficaram policiais de tocaia no apartamento. Virgílio deve ter chegado entre 9h00 e 9h30 e foi preso também”.

***Ilda e três de seus filhos, inclusive a caçula Isabel, que tinha apenas quatro meses de idade, foram presos no dia seguinte. “Fui torturada, física e psicologicamente. O pior de tudo é que eles ameaçavam torturar as crianças na minha frente”, desabafa***

Antonio Carlos Fon continua seu relato: “Eu estava sendo torturado, quando os policiais entraram com o Virgílio. Me tiraram do pau de arara para que ele fosse pendurado. Fui colado em uma sala ao lado, separada da sala de tortura apenas por uma parede de eucatex. Com alguma dificuldade, podia escutar o que falavam. E, lembro que, entre os gritos e palavrões dos torturadores, ouvi várias vezes Virgílio dizer: ‘Vocês estão matando um brasileiro’. Ele não falava de maneira lamuriosa, mas em um tom de desafio”.

No livro *Virgílio Gomes da Silva: de retirante a guerrilheiro*, Edileuza Pimenta e Edson Teixeira dizem que Virgílio reagiu com extrema valentia à prisão. E, mesmo nas dependências da Oban, algemado e espancado, continuou enfrentando, verbal e fisicamente, seus algozes. Apesar de sumária, a descrição das torturas sofridas por ele é um desfile de atrocidades cuja leitura é quase impossível de suportar. Furiosos com o comportamento insubmisso e destemido do revolucionário, os torturadores ultrapassaram todos os limites que um resquício de humanidade poderia contrapor à mais abjeta selvageria.

Virgílio morreu no próprio dia da prisão. Ilda e três de seus quatro filhos, inclusive a caçula Isabel, que, na ocasião, tinha apenas quatro me-

ses de idade, foram presos no dia seguinte. “Fui torturada, física e psicologicamente. O pior de tudo é que eles ameaçavam torturar as crianças na minha frente”, desabafa a viúva. “Fiquei presa durante 10 meses, quatro deles em cela incommunicável. Foi a Rose Nogueira, presa na mesma época, que me ajudou a suportar. Depois que sai da prisão, passei mais de um ano sem conseguir arrumar emprego. Mais uma vez, foi a Rose que me ajudou a sair do país. Morei um ano no Chile e 18 anos em Cuba. Lá, todos os meus filhos tiveram a oportunidade de estudar e concluir seus cursos universitários”.

Para apagar qualquer vestígio do crime cometido, a polícia ditatorial ocultou o cadáver de Virgílio. E, durante muitos anos, difundiu a mentira de que ele havia fugido. Mas a farsa caiu por terra quando foi encontrado o laudo da autópsia, com a descrição minuciosa das fraturas e rupturas dos órgãos vitais. Paradoxalmente, ao invés de varrer qualquer vestígio de sua passagem pelo mundo, essa maligna ocultação mantém a lembrança de Virgílio mais viva do que nunca. Mas, 42 anos depois, a família, os amigos e admiradores têm o direito de reaver seus restos mortais e velar a memória desse brasileiro em paz.